

5

Avaliação das discussões no corpus proposto

Neste capítulo, vamos analisar dados do nosso corpus a partir das propostas:

- (1) postulação de variantes de uma mesma forma, isto é, postulação da análise de formas (prefixos, preposições, etc.) como homônimas;
- (2) postulação de formas combinatórias, isto é, formas que apresentam comportamento determinado e previsível, colocando-se como iniciais ou finais em combinações de base presa.

Em relação à proposta (1) destacamos os vocábulos que apresentam o mesmo morfema em sua estrutura:

(a) contrabando	(b) entressafra	(c) sobrecarta
contrário	Entreaberto	sobreaviso
contrabaixo	Entrecortado	sobrenome
contra-ataque	Entredizer	sobrenatural
contramestre	Entrenó	sobremesa
contracepção	Entreolhar-se	sobretudo
contrapeso	Entrepor	sobrevivente
contracheque	Entreouvir	sobrevoar
contramão	Entrevista	sobreloja
contraproposta	Entreposto	sobrecarga
contrabalançar		

Ao visualizar essas formações, tomamos a atitude de classificá-las primeiramente como prefixações, já que são constituídas por um elemento inicial que se classifica como prefixo nas gramáticas e nos manuais de ensino. Contudo, não podemos afirmar que todas as formações dos grupos apresentam as mesmas características quanto à carga semântica dos afixos.

No grupo (a), por exemplo, *contra-* em *contramestre*, *contracheque* e *contrabalançar* não demonstra o mesmo significado de *contra-ataque*, *contracepção* e *contramão*. Nesses últimos vocábulos é clara a análise do afixo com sua significação usual, que é *ação contrária*, *oposta*, ou seja, realmente nesses casos *contra-*, apresenta seu papel de prefixo com clareza: *contra-ataque* é um ataque em ação contrária, *contraproposta* é algo que vem ser contra uma proposta, uma proposta oposta, ou em resposta, a anterior e *contramão* é a mão de

uma via em sentido oposto.

Nos primeiros exemplos - *contramestre*, *contracheque* e *contrabalançar* - não é viável classificar o elemento como prefixo que carrega o sentido de ação contrário, oposta. *Contramestre*, não é um mestre que é contra algo, mas o mestre que vem ajudar, auxiliar o mestre principal no serviço. *Contracheque* também é um exemplo de não-uso de *contra-* como elemento significativo de ação contrária, *contracheque* é um documento em que se declara o salário de um empregado e não um cheque contrário e *contrabalançar*, por sua vez, não é balançar contrário, é equilibrar, igualar o peso.

No grupo (b) o mesmo acontece. *Entre-*, quando tomado como prefixo, tal qual a sua preposição, apresenta o significado de *posição medial*. Em *entressafra*, *entreaberto* e *entrepôr*, percebe-se essa significação nas formações. Entretanto, nas palavras *entrevista*, *entredizer* e *entreolhar-se* não há esse sentido de *entre-*. *Entredizer* e *entreolhar-se* oferece o sentido de *reciprocidade*, enquanto que *entrevista* perdeu a origem do significado de *entre-* tanto preposicional quanto de reciprocidade, atribuindo o valor de conferência, conversação com alguém a fim de obter informações.

O grupo (c) também sofre essa diferença de significado do afixo. *Sobrenome*, *sobrevoar* e *sobreloja* apresentam a significação do prefixo como lhe é atribuído, *posição acima, no espaço ou numa escala, posição anterior*. Em *sobrenatural*, *sobrevivente* e *sobrecarga*, no entanto, isso não acontece. Nesses vocábulos não há noção de posição, mas um sentido diferente, que atribui *intensidade, excesso*, com a idéia de “além de” (além do natural, excesso de carga e em sobrevivente aquele que vive além de alguma circunstância).

Ao recorrermos a Amiot (2005), podemos afirmar que, dentre as características principais da autora para diferenciar os prefixos dos elementos formativos, encontramos o fato de que os elementos *entre-*, *sobre-* e *contra-*, conforme comentado, apresentam ao menos um significado diferente da preposição homomórfica. Outro fator é que esses morfemas formam não só nomes de nomes – o que vem a ser uma característica específica dos elementos que mantêm as propriedades das preposições a que se originam – formando adjetivo de adjetivos (*sobrenatural* e *sobrevivente*) e verbos de verbos (*entreolhar-se* e *entredizer*); além dos significados serem endocêntricos (*entredizer* é dizer, *entreolhar-se* é olhar, *contramão* também significa “mão”, no que se refere ao

trânsito, contra-ataque é um ataque).

Com tais características, dessa forma, esses elementos devem ser classificados igualmente aos seus relativos no francês (*contre-*, *entre-* e *sur-*), ou seja, como prefixos reais e não elementos formativos.

Ao usarmos os critérios de Amiot para classificar esses itens, não temos mais divergências em relação ao uso desses elementos demonstrarem aspectos semelhantes a de bases, como certa autonomia e até mesmo o uso de alguns como um elemento central/núcleo de uma formação, como *contra* em *contrário*.

Definindo *contra-*, *entre-* e *sobre-* como prefixos reais, não podemos duvidar de sua função de afixo, pois o maior questionamento estaria no fato de esses morfemas apresentarem idiossincrasias que os distinguiria dos outros prefixos (*in-*, *pré-*, *trans-*, *ante-*, *per-* etc.), como um significado diferente da preposição, o que, no estudo de Amiot seria, na verdade, uma das características para a confirmação do item ser um prefixo real.

Em relação ao item (2), as formas combinatórias de Warren, agrupamos as seguintes palavras para discussão:

(d) agricultura

Aeromoça
Biodiesel
Bípede
Bisavô
Cinerama
Demagogo
Eco-feira
Fotofobia
Geografia
Hidrofobia
Homicida
Macroeconomia
Megalomaníaco
Micro-chip
Minissaia
Monólogo
Multifaces
Neurologia
Pseudointelectual
Pedagogo
Psicologia

(e) aerofagia

Antropofagia
Demagogo
Febrífugo
Geografia
Hipódromo
Hidrofobia
Homicida
Monólogo
Neurologia
Pedagogo
Psicologia
Velódromo
vermífugo

O grupo (d) apresenta em sua formação elementos que tendem a estar na posição inicial de um vocábulo e os do grupo (e) os elementos tendem a aparecer na posição final, o que seria para Warren as do grupo (d) as formas combinatórias iniciais e do grupo (e) as formas combinatórias finais, ficando assim divididas para melhor visualização:

FCI	FCF
Agri, aero, bio, bis, cine, dema, eco, geo, hidro, macro, mega, micro, mini, mono, multi, pseudo, psico	Fagia, gogo, fugo, fobia, grafia, dromo, cida, logo, logia

Lembrando que, de acordo com Warren, as formas combinatórias são as que podem ocorrer tanto em compostos quanto em derivados. Essas formas vêm responder o fato de existirem itens na composição que se comportam como prefixos, que seria o caso das FCIniciais e as que se comportam como sufixos, que seriam as FCFinais.

A proposta de Warren vem resolver esse fato, colocando a forma combinatória como solução para esse impasse. Não é necessário buscar um enquadramento desses morfemas como prefixo ou como radical; as FCs constituem um grupo a parte.

Sendo assim, as formações classificadas como formações de base presa são aquelas que fazem uso das formas combinatórias.

A autora ainda declara que FCs iniciais podem se ligar a FC finais (*biologia, biólogo, biografia, demagogia, demagogo*). Não ocorre tal semelhança entre os afixos *hiperecer, *antieza. Os afixos são formas gramaticalizadas e não semanticalizadas, enquanto que as FCs são o contrário, semânticos mas não gramaticais. Formando-se, então, o seguinte quadro de características:

Característica	afixos	Radicais	FC
Semânticos	-	+	- +
Gramaticais	+	-	-
Lexicais	-	+	+

O interessante na nossa avaliação é que os itens analisados apresentam realmente características de não serem gramaticalizados, ou seja, eles não apresentam características de atribuírem classificação gramatical, serem lexicalizados e necessitarem serem combinados a outros para completarem o sentido na língua, ou seja, não são semanticamente plenos.

Tal qual às soluções de Basílio e Amiot, que fugiram das limitações dos estudos até então realizados, sobre prefixos e preposições constituírem formas homônimas, aqui também se oferece uma alternativa: já que as formas combinatórias não são nem radicais nem afixos, mas morfemas que permeiam o caminho desses dois elementos, a formação produzida exclusivamente por elas pode ser caracterizada de formação por combinação, uma vez que se formam por FCs e não por derivação ou composição. Já quando a formação é feita por uma forma combinatória e uma base, opta-se por classificá-la como uma composição, uma vez que há pelo menos uma base semanticamente completa que ajudará a FC a fazer uso mais de suas características de radical, de suas atribuições semânticas e lexicais na formação: *sociolinguística* e *agro-negócio*, por exemplo. A autonomia dos elementos que aparecem na segunda posição permite que se classifique como composição a estrutura, porém, sendo os dois itens não-bases, mas FCs, teríamos uma combinação.